

O Senhor Martinez

*Agora deixai-me, vou sozinho.
Vou sair, pois tenho o que fazer:
um inseto me espera para tratarmos.*

S.J.Perse

Marco Bin

Sei do senhor Martinez desde a tenra idade. Eu morava três quadras da sua loja, de sorte que era comum vê-lo sentado em sua cadeira, folgazão, à espera de seus clientes. Minhas primeiras recordações me remetem a um homem solitário, de feições graves e pouco tolerantes (do meu ponto de vista de criança, claro) e nada indicava que algum vínculo amaldiçoado (posso dizer isso hoje) nos ligasse já nessa altura, a condenar nossos mórbidos destinos.

Com o correr do tempo, passei a vê-lo com menor frequência. Lembro-me que era comum brincar as tardes na casa de um amiguinho do colégio, que morava do outro lado do bairro e por algum motivo que me é desconhecido, este afastamento do senhor Martinez me marcou. Por alguma razão, passei a não desperdiçar nenhuma oportunidade que tinha para observá-lo derribado cada vez mais pesadamente em sua cadeira, de frente para a rua. Ao lado de sua indiferença, a pior das asperezas no trato com uma criança, eu conseguia ver em algum ponto de seu corpanzil uma nobreza, próxima do sagrado, eu acreditava que mais cedo ou mais tarde, por uma

razão que até hoje desconheço, ele se tornaria mais do que uma referência simbólica, um tio-amigo que eu não tive. Por isso, talvez, o esforço obsessante em vê-lo. Até quando acompanhado por meus amiguinhos, eu dava um jeito de prestar atenção dentro da loja e conferir o senhor Martinez lá sentado. E foi dentro dessa expectativa silenciosa que passei a sonhar com o senhor Martinez, a criar em meu imaginário conversas com ele e mesmo a criar umas lendas sobre ele. Uma delas era que, devido ao seu comportamento previsível e solitário, ele fosse um homem sem família, nascido já daquele tamanho enorme e que seu primeiro presente fora uma cadeira. Bem mais tarde, já de uma perspectiva mais madura, fui saber que ele era casado, tinha filhos, gostava do Palmeiras... um homem com desejos e problemas normais. Jamais tive a oportunidade de conhecer alguém da sua família, o que me faz crer que ele gostava mesmo era de ficar sossegado, em seu infindável e onipotente silêncio.

Uma só vez arrisquei entrar em seu estabelecimento, devia já ter uns treze anos e tentei uma aproximação, ainda que tardia, quebrando aquele impasse mantido por longos anos. Entrei, peguei um gibi e fui pagar. O senhor Martinez abanava-se, fazia muito calor naquele dia e usava um chapéu de palha. Os seus olhos estavam mais ou menos na mesma altura dos meus e, enquanto ele apalpava o nada com seu olhar entorpecido, reparei em suas rugas, sulcos por onde escorria o suor, suas bochechas moles, seu barrigão de velho desleixado, quase fazendo explodir os últimos botões da camisa, as pernas entrecruzadas, soltas e inúteis. Todo um corpanzil escorado por uma cadeira que resistia a tanto peso. As coisas à sua volta estavam mal distribuídas e um certo odor fétido envolvia o ambiente, um cheiro acre de suor com papel velho. Após um tempo abandonou seu transe, movimentou o braço em minha direção e a mão gorda capturou as

moedas com um lânguido desinteresse. Balbuciu o *obrigado* mais distante e desanimado que eu já tinha ouvido.

Saí às pressas e não mais regressei à loja, todavia isso não me impediu de continuar crescendo e olhando, por uma estranha compulsão, para dentro dela, inevitavelmente localizando o senhor Martinez no mesmo lugar, ora se abanando, ora com os olhos voltados para o seu infinito, ora se protegendo do frio com uma manta pesada, enfim, uma verdadeira montanha desolada, eternamente à espera do próximo freguês.

A velhice passou a imobilizá-lo ainda mais à época que eu cursava a faculdade, pois em minhas passagens esporádicas diante da loja, constatava seu espaço mais abandonado, acompanhando de certo modo a decadência do nosso próprio bairro. As transformações urbanas foram severas, sua rua transformou-se numa avenida expressa, com o que eliminaram parte das calçadas. A verticalização das construções expulsou moradores e trouxe a canalização de ventos, que passaram a circular com intensidade e desconforto. Minha primeira namorada não entendia quando eu insistia em esticar o caminho, só para cruzar com a loja do senhor Martinez e verificar, no breve segundo que a velocidade do ônibus permitia, aquele que, para ela, não passava de um *velho gordo inútil e decrépito*.

Terminei a faculdade. Passava de carro pela frente de sua loja, pondo-me a notar os efeitos que o vento produzia nos fiapos de cabelos brancos do senhor Martinez. Certa ocasião, estacionei o carro nas proximidades e subi até o mezanino de um edifício comercial, bem em frente de sua loja e munido de um binóculo adquirido num shopping, vasculhei seu diminuto ambiente. Patético. O vento contínuo bramia em rajadas sibilantes contra a cabeça do senhor Martinez, enquanto insetos, uma infinidade deles, circulavam a vontade ao seu redor e

sobre as montanhas de jornais e revistas imprestáveis, dentro dos potes de guloseimas que nunca arrisquei experimentar. Que maldito bloqueio me dizia ser impossível tomar uma atitude para tentar livrar o senhor Martinez de sua tumba? O mundo ao seu redor tomava conta de si, como a querer envolvê-lo e efetivá-lo como um elemento a mais da paisagem embrutecida.

Até que um dia, ao subir no mesmo edifício, vi o senhor Martinez imóvel, mais imóvel do que de costume. Como se estivesse morto, ou inteiramente entregue ao desconsolo. No meio de tanta devastação, também os ratos infestavam o lugar. Brotavam de todos os cantos e pareciam conjurar entre eles sobre a melhor forma de dar o golpe de misericórdia no senhor Martinez e assumirem de vez a loja. Jornais, revistas e doces eram detalhes sem importância, transformados em meros aconchegos para os bichos. A cena me impressionou de tal maneira que, um dia, ao passar com um de meus filhos diante da loja, decidi não mais rever aquela paisagem lúgubre, nem tampouco o *velho gordo e decrépito*.

Mudei para outro bairro, nunca mais voltei a saber do senhor Martinez e imagino que tenha sucumbido sem ter se livrado do estado lamentável em que se reduziu sua loja. Devo concluir, acrescentando que não guardo qualquer espécie de decepção pelo senhor Martinez, quiçá um pouco de compaixão e tristeza pelas coisas terem tomado o rumo que tomaram. Sua presença me acompanhou por muitos anos da minha vida e penso que isso significou demais para mim. Hoje estou velho, próximo do fim, e minha única preocupação é não permanecer sentado por muito tempo no mesmo lugar.

Marco Bin é cronista e professor do curso de Comunicação Social da Faap. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Doutorando em Ciências Sociais na mesma universidade.

marcobin@bol.br